

Escrileituras: ler-escrever como método de invenção no ensino e na pesquisa

Sandra Mara Corazza¹, Karen Elisabete Rosa Nodari² e Emília Carvalho Leitão Biato³

¹ Departamento de Ensino e Currículo, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
sandracorazza@terra.com.br;

² Departamento de Humanidades, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. kernodari@gmail.com;

³ Departamento de Odontologia, Universidade de Brasília, Brasil. emiliacbiato@yahoo.com.br

Resumo. O desenvolvimento do projeto Escrileituras se deu por uma via de experimentações de leituras-escritas. Os quatro núcleos participantes do projeto, ao proporem procedimentos inventivos de escrita em oficinas, lançaram mão de diferentes métodos de investigação dos textos produzidos. Este estudo busca identificar as possibilidades investigativas dos processos inventivos com a escrita, a partir da revisão de saberes e fazeres, análises e estudos, de modo que se possa ter uma visão de estado de conhecimento acerca dos percursos de pesquisa propostos pelos núcleos do projeto Escrileituras. Todos os núcleos de Escrileituras fizeram tentativas — em seus caminhos de oficinas e pesquisas — de romper com o pensamento representacional, colocar participantes e pesquisadores em relação com o que dá a pensar e possibilitar a escrita inventiva. Nota-se, nos trabalhos apresentados, que há uma polissemia das situações observadas e, em consequência, uma multiplicidade de sentidos e modos na tomada da vida grafada.

Palavras-chave: Escrileituras; Transcrição; Signo; Biografema; Timpanização

Writereadings: reading-and-writing as a method of invention in teaching and research

Abstract. The development of the *Escrileituras* project was based on reading-writing experiments. The four participating groups from different Universities proposed inventive writing procedures in workshops. Therefore, in different situations, the groups used a variety of investigating methods to collect and analyze the texts produced. This study seeks to identify investigative possibilities of inventive processes of reading-writing, from the revision of knowledge and practices, analyses and studies, in order to constitute a vision of state-of-the-art about the research routes proposed by each project group. All the *Escrileituras'* groups have made attempts — in their paths of workshops and researches — to break with representational thinking, to put participants and researchers in relation to what makes thinking and to enable inventive writing possible. Studies presented pointed to a polysemy of the observed situations and, consequently, a multiplicity of meanings in the taking of the written life.

Keywords: *Escrileituras*; Transcreation; Sign; Biographematic writing; Tympanization

1 Introdução

A importância de leitura e escrita, tanto na Educação Básica quanto Superior, remete à noção de Escrileituras – conceito proposto por Corazza (2007), ao configurar uma escrita-pela-leitura ou uma leitura-pela-escrita, ou seja, na relação indissociável entre teoria e prática. Encontra potência no ato de criação textual: um modo de intervenção investigativa nas formas de aprender pela modalidade de oficinas de Escrileituras. Ao postular com Nietzsche que a Educação se faz e sente com o corpo inteiro, o Projeto Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida (edital 038/210, CAPES/INEP) congregou 4 universidades públicas brasileiras (UFRGS/coordenação, UFPel, UFMT e UNIOESTE) entre 2010 e 2014, num trabalho de pesquisa e de ação junto às escolas de educação básica.

O desenvolvimento do projeto se deu por uma via de experimentações de leituras-escritas, compreendidas como possibilidade de efetuação de pensamento, a partir da concepção de

escrileitura como um texto que postula uma postura multivalente do leitor, estabelecida na co-autoria entre quem lê e quem escreve, simultaneamente. A ideia da escrita como um processo de escrileitura propõe um texto aberto às interferências do leitor e, portanto, escrevível ou traduzível de várias formas.

Esse conceito, portanto, insere o projeto na dimensão imaginativa de toda a escritura ou texto de fruição. Ou seja, lida com os modos de produção e inscrição de sentidos, de histórias, de vidas, de coisas no mundo, etc. que acontecem através e nas brechas experimentais, situadas entre espaçamentos não pensados, no imenso campo de possibilidades que há entre os objetos brutos, para dizer da importância do outrem na criação.

Destarte, esta pesquisa se desenvolveu na direção contrária das opiniões acabadas e clichês educacionais que não acreditam nas possibilidades criadoras dos alunos e professores da Educação Básica. A modalidade de ação proposta se desenvolveu através de oficinas, pois concebe a experimentação como condição da aprendizagem, uma vez que possa convocar ao exercício do pensamento.

Cada oficina compreendeu um convite à escrita e à leitura de saberes, histórias, aventuras, problematizações, musicalidade, arte, fantasias e fruições. Os processos disparadores da produção textual colocam um problema em cena: a ser lido, falado, enunciado, perguntado e transformado de várias formas.

Ao longo da proposta de cada oficina e na análise dos dados construídos, coloca-se em evidência o drama do saber investigado – uma vez que estivemos atentos às suas irregularidades e variabilidades, problematizando a dimensão hegemônica representacional, em processos educativos e de pesquisa. Assim, os quatro núcleos, em suas experiências com oficinas de Escrileituras, ao proporem procedimentos inventivos de escrita, alimentaram o uso de métodos de investigação. A partir de tonalidades contemporâneas diversas na aproximação com Nietzsche, Foucault, Deleuze, Derrida, Barthes, Valéry e Bergson.

Este estudo se propõe a identificar as diferentes possibilidades investigativas dos processos inventivos com a escrita, a partir da revisão de saberes e fazeres, análises e estudos, de modo que se possa ter uma visão de estado de conhecimento (Soares, 1989) acerca dos diferentes percursos de pesquisa propostos pelos núcleos do projeto Escrileituras.

2 Escrileituras

Da escrita à escritura, há uma força que articula a fala à escrita, sem a primazia de uma sobre a outra, sem que a escrita se submeta ao fonologocentrismo¹. A escritura permite que os grafemas funcionem em nome da diferença (Santiago, 1976), como é notável na escritura de Bispo do Rosário, que deixa rastros, comporta-se como uma “ciência das fruições da linguagem” (Barthes, 1987, p. 10):

– O fim? É que na minha transformação, quando for permitida assim a minha subida, vêm os mesmos sete anjos, com poderes e glórias (...). Eu vou fazer uma amarração para o braço, aqui, as tiras, e com os pés... E vêm os anjos e me levam em cima, a certa altura, e dizem: pai, arrasaram o mundo em fogo. As nuvens, os anjos, os

¹ O *logos* como origem da verdade, e a *phoné* como linguagem natural.

santos, as quatro partes do mundo, as nuvens se transformarão em fogo, em floresta e mar, e terra, nada mais (Arthur Bispo do Rosário, *apud*, Hidalgo, 2012, p. 231-232).

Leitura e escritura de intensidades e vanidades das vivências tramam a vida em expansão, como vontade de potência. São amarrações de braços e pernas: corpo, minúsculas células que levam o tornar-se.

Assim, o termo *escreleituras* se vincula a um modo de dizer do ler e do escrever como gestos duplos. *Escreleituras* se configuram pelo livre circular entre obra lida e obra escrita, em movimentos indissociáveis. A vida, como vir a ser interminável, carrega seu cadáver, ao que a escrita produzida em meio à vida ganha caráter biográfico e é, simultaneamente, escrita *thanatográfica*. Este caráter duplo das *escreleituras* é, aqui, discutido em sua permeabilidade com a noção nietzschiana de vivências, em consideração do tornar-se o que se é e dos rastros deste corpo no movimento de ler-escrever.

Trata-se de saber fazer amarrações e, com trabalho de tiras tecidas, notar o corpo, mãos e pés, inteiro sem ser um todo, impressões de dizeres de si. As quatro partes do mundo comparecem no texto profético de Bispo, como marca de sua capacidade de fazer ajuntamentos: talheres e tênis conga, ferramentas e fichas de ônibus, pedaços, elementos, partes de seu dia, ideias-força de sua arte.

Quando estivemos em espaços escolares e universitários, para práticas de oficinas de *Escreleituras*, fizemos jus a uma declaração profética, como esta do Bispo do Rosário: as quatro partes do mundo se põem entre fogo, floresta, mar e terra. Somos quatro núcleos que tatearam — não em oposição aos modos de saber e de fazer a educação e seus processos de ensinar e de aprender — mas em proposição de alternativas aos pensamentos representacionais e dogmáticos que permeiam várias práticas educativas.

Colocamo-nos a inventar exercícios de leitura e escritura e, para tanto, privilegiamos o que acontece em meio à vida. Da vida de Bispo do Rosário, relíquias em botõezinhos, alinhavos, listas de escolhidos para habitar o céu, traços de suas visões. Da vida dos estudantes, dos professores, coleções, peças do vivido, obras que se tornam arte. Desejávamos essas coisas, por considerarmos, com Nietzsche, a impossibilidade de separar vida e obra, doença e saúde (1995).

Assim, Arthur Bispo do Rosário vai a lugares mais altos e atenta à voz dos anjos, que lhe chamam de “pai”. Sua leitura da mensagem angelical lhe oferece ensejo para o tornar-se: o movimento de vir a ser é, simultaneamente, movimento de escritura, ao que se mantêm leituras-vivências-escrituras.

O tornar-se, “máxima da filosofia nietzschiana” (Olini, 2012, p. 48), é combate incessante de instintos. Em sua autobiografia, Nietzsche fala em tornar-se mais sadio, tornar-se fraco, tornar-se um porco-espinho, tornar-se reagente, tornar-se só, tornar-se o que se é.

Tínhamos — pesquisadores, professores, estudantes dos 4 núcleos do Projeto *Escreleituras* — o desafio da tomada da produção escrita fabuladora em oficinas, como objeto de pesquisa, e olhamos para essa produção como traços do vivido e dos movimentos — sempre inacabados — de tornar-se. Em semelhança do trabalho artístico de Bispo, que recolhia os elementos de seu cotidiano — amarrando-os, colecionando-os e costurando sua obra — fomos tecendo nossas pesquisas.

3 Métodos de pesquisa em *Escreleituras*

Propusemos, aqui, um levantamento dos métodos de pesquisa em *Escreleituras*. Lançamos mão da produção decorrente do projeto — artigos, capítulos de livros, teses e dissertações. A pesquisa do

estado da arte dos procedimentos criados para as oficinas encontra-se multiplicada em vários trabalhos sobre o projeto, não cabendo aqui reproduzi-las. Neste recorte, enfatizamos a leitura dos procedimentos que se constituíram como percurso de pesquisa, na relação com os objetivos do estudo e as decorrentes oficinas.

Foram 14 teses e dissertações diretamente relacionadas ao Projeto Escriteiras, entre vários outros trabalhos apresentados e publicados ao logo dos quatro anos de sua vigência. Após o encerramento, ainda há várias iniciativas e produções escritas apresentando suas ressonâncias. Buscamos esses trabalhos como objetos desse estudo, com foco no método de pesquisa adotado para a análise da produção de Escriteiras. Passamos por cada um, e escolhemos alguns que podem expressar a diversidade de métodos qualitativos e procedimentos transcriadores adotados no contexto do projeto. Recortamos, ainda, os métodos biografemático e de timpanização, para uma discussão mais detalhada.

O quadro abaixo apresenta características dos estudos em questão:

Autor	Método	Conceito chave	Concepção de texto	Traços da pesquisa qualitativa (cf. Creswell, 2014)	Oficina de Escriteiras
Adó, M.D.L. (2013)	Biografema	A literatura potencial espera e necessita do leitor para realizar-se plenamente. (Perec; Valéry)	O texto é como um jogo que se joga a dois, sem que os dois jamais se encontrem.	O pesquisador se posiciona e apresenta seus valores no trabalho.	Oficina de Literatura Potencial
Azevedo, A.C.A.A. (2013)	Otobiografia	Escuta de vivências na voz e nos escritos (Nietzsche; Derrida)	O texto, inevitavelmente, deixa rastros de vivências de seu autor.	Atenção ao percurso de pesquisa, modificando questões conforme o problema de pesquisa necessitava.	Phonodidaticário
Schwartz, J.W. (2015)	Cartografia	História de uma vida. (Deleuze; Kastrup)	Construção de um território.	Apresenta, como pressuposto epistemológico, uma aproximação com os participantes.	Filodança
Campos, M.I.K. (2013)	Dramatização	Informe. (Deleuze; Valéry)	Vida compartilhada.	Busca por detalhes dos acontecimentos.	Espiritografias de co-criação dialógica
Bandeira, L.V.V. (2014)	Biografema	Tradução como transcrição. (Corazza; Campos)	Escrita de vida, aberta a novas possibilidades de dizer.	Afirma a ideia de múltiplas realidades, tanto dos pesquisadores quanto dos participantes.	Várias oficinas biografemáticas
Biato, E.C.L. (2015)	Timpanização	Desconstrução da metafísica e produção de suplementos. (Nietzsche; Derrida)	O texto abre possibilidade à disseminação de sentidos.	Experimenta preceitos e pressupostos na observação dos acontecimentos.	Oficina Fantasias em cores, sabores e texturas; Oficina Cartas

Quadro de métodos

Bandeira (2014), com estudantes de EJA, realizou oficinas baseadas na experimentação de textos de Lou-Andreas Salomé, AnaísNin e Tsvatáieva. O trabalho de Adó (2013) teve, como foco, dar mais atenção ao processo de criação do que aos resultados e tomá-los como o próprio acontecimento. Ainda, Nodari & Corazza (2019) tomou o Biografema como eixo para as oficinas *Entre fatos e fotos e Focografar*.

O Biografema é um conceito barthesiano operado como método de intervenção e investigação, que propõe-se a escrever os detalhes de uma vida, as raridades que passam despercebidas ou que ainda não foram significadas e partilhadas no plano cognitivo (Costa, 2010). Propõe-se a transformar detalhes insignificantes (sem significação anterior) em signos de escrita, utilizar estes signos (aqueles que podem encantar) como disparadores de um texto, ou seja, da escrita de uma vida em experimentação e que, portanto, é produzida na potência da invenção de sentidos. Persegue-se a invenção de conectores entre ficção e realidade, entre imaginário e história biográfica.

Pretende-se que tais dispositivos propiciem o ingresso no campo do vivido, das sensações e das invenções, o que implica, também, a passagem entre o tempo dos estóicos: *cronos* para *aion*, ou seja, o da duração. Interessava, no planejamento das propostas, o rompimento com o pensamento da reconhecimento, de modo que as faculdades dos participantes deixassem de se comunicar num sentido comum e entrassem no seu exercício disjuntivo, a fim de explorar diversos deslocamentos. Tal subtração do logos ao conectar o pensamento com o seu fora, o devir, possibilita o surgimento de escritas intensivas e potentes. A leitura do material produzido se deu sob a óptica barthesiana (2010), uma vez que as produções passaram a ser vistas como uma tessitura, ou seja, o texto como um tecido onde o sujeito pode se desfazer. Além de se perseguir a escrita intensiva, como meio de passagem, produtora de múltiplos sentidos. E, com relação ao tempo do ato de criação, sob a perspectiva bergsoniana. Estudou-se a processualidade proposta através do trabalho inventivo com a escrita.

A invenção é compreendida como produto de uma tensão constante entre duas tendências: a da criação e a da repetição. De modo que ela não é rara ou fruto do acaso, mas exige esforço para que seja ultrapassada a tendência repetitiva, uma vez que, segundo Bergson (2006), é por meio de experimentações com uma matéria que se cria o novo. Ato que não produz efeitos instantâneos, mas que envolve o tempo, o tempo da duração. Pois, a invenção é um processo de transformação temporal, é nesta dimensão que ocorre a produção da diferença. O que dificulta o trabalho da invenção, atuando como um obstáculo, são os antigos hábitos, os esquemas da reconhecimento. É sabido que, apesar da imprevisibilidade dos resultados obtidos pelo desenvolvimento das oficinas, a questão da criação não ocorre de forma espontânea, ela implica em tateamentos, em experimentação com uma matéria.

Nesse sentido, Corazza (2010) afirma que o Biografema não se determina a priori, pois realiza-se com operações no percurso; toma o conhecimento como criação; toma, por objeto, as formas discursivas, para nessas linguagens, observar a vida atravessada pela obra e a obra atravessada pela vida. Nesse método, o leitor é, também, autor do texto: “a leitura biografemática faz irromper a figura do leitor, não como o curioso empírico, mas como o ator de uma escritura que já é, ela mesma, a realização de uma vida possível”(Costa, 2010, p. 123). Na tentativa de “pegar uma vida de frente” (p.125), pega incidentes ou o ordinário ou o que chama o leitor. Assim, a pesquisa biografemática evita estagnar os vínculos entre vida e obra, trazendo a riqueza dessa relação.

Azevedo (2013) lança mão método otobiográfico, inspirado na obra Otobiografias de Derrida (2009) e baseado no conceito nietzschiano de vivências. O estudo destacou traços do vivido nos escritos de professoras da Educação Básica, a partir de rodas de conversas acerca do papel da voz nos espaços escolares, inaugurando um Phonodidaticário. Estabelece o papel do pesquisador, que escuta, dos

textos, aquilo para o que já tem ouvidos, através de suas vivências. O método otobiográfico afirma os estilos de individuação que se constituem se misturam aos escritos (Olini & Monteiro, 2016).

Campos (2013) usa o método de dramatização, que indaga pelas forças e pela vontade de potência, conforme o vínculo vida e obra. A oficina Espiritografias suscitou o contato com imagens que provocam sensações e a busca por detalhes da vida compartilhada, como exercício de dramatização.

Schwantz (2015) realizou uma atividade cartográfica para mapear subjetividades “acionadas durante os rumos de uma vida” (p.92). Não se trata de um procedimento memorialístico, no sentido de descobrir a origem do que se é, mas de “olhar atentamente para os deslocamentos” (idem). Para tanto, a cartografia possibilitou o contato com histórias, a partir da construção de territórios que definiram modos de aprender e de constituir-se professora.

Biato (2015) propôs o método de Timpanização. A oficina *Cartas* foi realizada a partir de temas relacionados ao corpo e à saúde. Com as noções de escrita de autoafecção e de envios errantes propôs a escrita cartas, de modo que os participantes (alunos do nono ano do ensino fundamental I) fizessem o papel de remetentes, com inspiração e impulso em cartas de Antonin Artaud, Friedrich Nietzsche e Vincent Van Gogh. Escolhemos esses a fim de provocar uma escrita de autoafecção e, ao mesmo tempo, enviada, relacionada com o corpo, com a saúde, com a experiência da dor, do sofrimento e da privação (Biato & Leitão, 2017a).

Para o desenvolvimento do método de produção e de tomada dos textos, nos apropriamos do ato de timpanizar, de Jacques Derrida (1991): luxar o tímpano, romper com a marca de precisão entre o dentro e o fora, com o modo dualista de pensar as coisas como leitura e escritura, vida e morte, saúde e doença. Experimentar a morte da metafísica ocidental.

Timpanizar — proposto como método de investigação — se materializa como a leitura inventiva da produção transcriadora de corpo e saúde. Compõe-se de três gestos que, juntos, se aproximam das escreleituras de saúde-doença: 1. tatear escombros, gesto pelo qual afirmamos a desconstrução do pensamento dualista, como processo ocorrido, notável e instigante de se manipular. Diante da desconstrução do dualismo, só se pode manipular escombros; 2. disseminar sentidos, gesto pelo qual multiplicam-se os sentidos das palavras, desconfia-se da fidelidade dos signos e são inventados modos de ler o texto que é produzido pelo outro; 3. criar cadeias suplementares, pelo qual inventa-se um texto novo, com a vontade de escrever e, assim, são tecidas escreleituras de escreleituras. Estabelecem-se elos e agregam-se, em cadeia, ideias plenas que juntas extravasam, passam limites, assumem nexos improváveis (Biato et al, 2015).

4 Discussão

É notável que todos os métodos de coleta/construção de dados — os dados não existiam a priori, mas foram se fazendo ao longo da pesquisa-ação — partiram da realização de oficinas e trataram das escrituras como indissociadas da vida. Portanto, tomaram o texto como objeto potente para a articulação de teoria (que sustenta o projeto) e prática (de aula, de pensamento, de observação) que atuam nos processos de individuação dos participantes das pesquisas e dos pesquisadores. Em função das características inventivas das oficinas propostas, viu-se a necessidade e possibilidade de criar ou lançar mão de diferentes métodos de investigação, para melhor atender à análise dos dados.

Vimo-nos, com esses objetos de estudo, diante de normas teórico-metodológicas que priorizam os dados estatísticos na produção do conhecimento legitimado como científico. Nesse modo hegemônico de saber que tem, como base, a necessária generalização de dados de pesquisa e a

neutralidade do pesquisador, estivemos em uma situação delicada, pela busca por melhor articular as ações das oficinas de Escrita com as possibilidades metodológicas das pesquisas que se realizariam, simultaneamente. Aqui, vale a discussão de Denise Gastaldo (2012) sobre pesquisadores que se põem na tarefa de explorar modos alternativos de “pensar, falar e ... remodelar as metodologias de pesquisa, para que elas não se constituam como ferramentas de reprodução social” (p. 10).

No nosso caso, como podemos refletir sobre a dramática dos professores/oficineiros (compartilhada pelos alunos/participantes) nas aulas/oficinas, “mantendo presente a audácia de pensar a docência diferentemente do que já se pensou ou se pensa? De quanto risco é feita a nossa responsabilidade subjetiva de pesquisadores, diante dos atos docentes, em seus efeitos e experimentações imprevisíveis?” (Corazza, 2018, p.4).

As oficinas de Escrita — como aula — operaram movimentos tradutórios transcriadores — sem necessidade de fixar sentidos originais e em processos naturais de produção de modos novos de dizer/ensinar. Os participantes das oficinas traduziram elementos do vivido em articulação com provocações de leitura. Os pesquisadores foram instigados a assumir, nesse contexto, o papel de tradutores, ação que incluiu as amarrações, o tecido, a capacidade de criar nexos improváveis. A experimentação em escritas, objeto de pesquisa, tornou-se — também — elemento de composição dos diferentes métodos alinhavados.

Estudos de influências nietzschianas e/ou de caráter multicultural, pós-estruturalistas, estudos de gênero, pensamento da diferença, entre outros, demandam modos correspondentes de interrogar, tratar, analisar (Meyer & Paraíso, 2012). Mesmo reconhecendo que não foi propósito de Derrida, e nem de Deleuze e Barthes, a apresentação de métodos de pesquisa, suas obras nos inspiram à observação de acontecimentos e, assim, à experimentação de perspectivas a respeito deles. Tomamos, portanto, seus pressupostos, para a construção de métodos para nossas pesquisas. Reconhecemos que estes pressupostos mobilizam o pensamento e demandam esforços “de invenção e resignificação” (p. 23).

De acordo com os resultados da pesquisa “Entre procedimentos e roteiros didáticos de tradução: condições da invenção” (Nodari & Corazza, 2019), que investigou o método de invenção proposto pelas oficinas do projeto Escrita, houve uma prevalência na utilização dos signos das artes, por parte de todos os seus núcleos. Signos que por sua própria força remetiam os participantes à produção da diferença no pensamento, sendo, portanto, da ordem do problemático. Cabe destacar que a totalidade dos núcleos realizaram as mais diversas tentativas de promover um encontro com os signos — aqueles que não remetem a coisa alguma, significação transcendente ou conteúdo ideal. Tal ação possibilitava, aos seus integrantes, romperem com o hábito e as suas verdades objetivas e, assim, uma chance ao pensar e à fabulação criadora.

Houve um privilégio, por parte das mais diversas propostas das oficinas, em trabalhar com os signos da arte, a fim de que emergisse essa escrita fabuladora. Para Deleuze (2003), somente a arte pode formar uma unidade e mostrar diferentes pontos de vista sobre o mundo. Nesse sentido, os métodos de pesquisa construídos entraram no ritmo e se misturaram à proposta de procedimentos para as oficinas, ao percurso das próprias oficinas e aos signos envolvidos nas escritas.

Cabe lembrar que signo e pensamento não estabelecem relação, nem acordo: encontro heterogêneo e discordante, a impulsionar a produção de novas escritas como resposta ao hiato e à diferença. Travar um encontro com a essência do signo — a sua importância Deleuze retira de Spinoza — não somente como causa do sentido, mas como causador de efeito. Um efeito supõe corpos que se afetam uns aos outros, de modo que os signos — entendidos em sua pluralidade — são afetos de

passagem, de mudanças de estado registrados por diferenças, variações e devires. O signo excede o pensar: é força que impele e compele; trata-se do impensado que exige o pensamento. Nesse sentido, é do acaso do encontro entre os corpos que emerge o signo, com a potência e alegria para a produção de uma escrita fabuladora — tanto dos participantes das oficinas quanto dos pesquisadores em sua produção, também escreitora.

A provocação de uma escrita fabuladora se encontra com a necessidade de assumir o método como caminho. No entanto, tal método não implica em descobertas, a menos que sejam, verdadeiramente, inventadas. Portanto, cabe ao pesquisador criar seus próprios métodos que, segundo Barthes, produzam um querer ler e escrever (BARTHES, 2005). Trata-se de um trabalho ficcional que, segundo Olegário (2018), envolve um desfazer, refazer e fazer, ou seja, arranjos territoriais impulsionados pelo desejo a originar um novo território pleno de agenciamentos (DELEUZE; GUATTARI, 2011).

Toma-se, portanto, a pesquisa como a experiência labiríntica de Ariadne, noiva de Dioniso. Para Nietzsche (1977), a Ariadne, que por um lado, diz da figura moderna, cartesiana, aponta, também, para outras lições: escutar palavras que criam sentido, que produzam o novo, que façam luzir o inédito. Passa, portanto, a um percurso labiríntico, como criadora de caminhos, de perspectivas, de facetas múltiplas que falam das coisas, das ideias e dos valores (Monteiro; Biato, 2008). Com isso, conhecer se configura mais como criar do que como descobrir. Na experiência com pesquisa em Escriteiras, nota-se a impossibilidade de se tomar em absoluto o objeto das investigações, pois foi perceptível que as oficinas suscitaram diferentes pontos de vista, diversos caminhos e, portanto, maior riqueza na produção de conhecimento.

Nesse sentido, o impulso à escrita fabuladora em meio à vida das oficinas de Escriteiras, funcionaram como impulso à fabulação de percursos de pesquisa: “interpretam-nos as nossas vivências, conforme atuam artisticamente, fabulando as formas de vida, como vetores livres no chão do tablado. A vida é aproximada da ficção” (Biato et al, 2017b, p. 626). Nesse contexto, as análises dos dados das pesquisas não buscam desvelar verdades, mas assumem a ficção do que se escreve, do que se estuda e dos resultados. Enfim, do conhecimento produzido, também, a partir de fabulações.

5 Considerações finais

Todos os núcleos de Escriteiras fizeram tentativas — em seus caminhos de oficinas e pesquisas — de romper com o pensamento representacional e com os seus esquemas de reconhecimento. Colocaram participantes e pesquisadores em relação com o que dá a pensar e a possibilitar a escrita inventiva. Trata-se de retirar o que impedia o pensar para que algo, o novo, surgisse. De modo que o pensamento, ao deixar de se apoiar em princípios, passasse a ser acionado pelos signos. Nota-se, nos trabalhos apresentados, que há uma polissemia das situações observadas e, em consequência, uma multiplicidade de sentidos na tomada da vida grafada.

Importa destacar que todos os núcleos realizaram as mais diversas tentativas, neste sentido, promovendo encontros com os signos. Aqueles que não remetem a coisa alguma, significação transcendente ou conteúdo ideal. De modo que, quando isto ocorria, a totalidade do organismo se movia, não somente a inteligência: irrompia algo mais forte, a despertar através da sensibilidade do organismo, possibilitando romper com o hábito, oportunizando o pensar, a fabulação criadora.

Nesse sentido, as diversas propostas de oficinas de Escriteiras estiveram imbricadas e foram definindo as opções metodológicas da pesquisa. Para a interpretação dos textos e realização das

análises, os pesquisadores, em nenhum momento exerceram uma função neutra, visto que atuaram, também, como escritores — das propostas das oficinas e dos textos produzidos/analizados. Vimos, ainda, que o método qualitativo funciona como caminho de produção de conhecimento a ser traçado com fundamentos teóricos consistentes, com postura crítica frente ao objeto de estudo e, simultaneamente, com sensibilidade ao que este dá a pensar. As filosofias da diferença se apresentam como relevantes e inovadoras na abordagem de temas em Educação, contribuindo para o traçado de métodos pertinentes a seus objetos, e que se aproximem de seus modos de pensar e tratar os fenômenos.

Referências

- Adó, M.D.L. (2013) *Educação Potencial: autocomédia do intelecto* (Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil).
- Azevedo, A.C.A.A. (2013). *A voz acena: a presença da voz na cena da aula* (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Brasil).
- Bandeira, L.V.V. (2014). *Um modo de ler e escrever na EJA: oficinas biografemáticas* (Dissertação mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, de Brasil).
- Barthes, R. (1987). *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva.
- Barthes, R. (2005). *A preparação do romance I: da vida à obra. Notas do curso no Collège de France 1978-1979*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barthes, R. (2010). *A câmara clara: notas sobre a fotografia*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Bergson, H. (2006) *O pensamento e o movente: ensaios e conferências*. São Paulo, Brasil: Martins Fontes.
- Biato, E.C.L. (2015). *Oficinas de Escrita: Possibilidades de transcrição em práticas de saúde, educação e filosofia* (Tese de doutorado, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Brasil).
- Biato, E.C.L., Leitão, C.C. (2017a). Suplementos de escrituras. De errâncias e destinos. *Rev. Polis e Psique*, 7(1), 149 – 166. doi: <https://doi.org/10.22456/2238-152X.71963>
- Biato, E.C.L., Ceccim, R.B., Monteiro, S.B. (2017b, jul-set). Processos de criação na atenção e na educação em saúde. Um exercício de “timpanização”. *Physis*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 621-640, jul.2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312017000300013>.
- Campos, M.K. (2013). *Alfabeto espirito-gráfico: escrituras em educação*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil).
- Corazza, S.M. (2007). *Os cantos de Fouror: escrituras em filosofia e educação*. Porto Alegre, Brasil: UFRGS/Sulina.
- Corazza, S.M. (2010) Introdução ao método biografemático. In: Fonseca, T.M.G., Costa, L.B. *Vidas do fora. Habitantes do silêncio*. Porto Alegre: UFRGS, 2010, p. 85-107.
- Corazza, S.M. (2018). Inventário de procedimentos didáticos de tradução: teoria, prática e método de pesquisa. *Revista Brasileira de Educação*, 23, e230032. Epub 11 de junho de 2018. <https://dx.doi.org/10.1590/s1413-24782018230032>.

- Costa, L.B. (2010). *Biografema como estratégia biográfica: escrever uma vida com Nietzsche, Deleuze, Barthes e Henry Miller* (Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil).
- Creswell, J.W. (2014). *Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens*. Porto Alegre: Penso. Edição do Kindle.
- Deleuze, G. (2003). *Proust e os Signos*. Rio de Janeiro, Brasil: Forense Universitária.
- Deleuze, G., Guattari, F. (2011). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol 2. 2ª Ed. São Paulo: Editora 34.
- Derrida, J. (1991). *Margens da filosofia*. Campinas, Brasil: Papyrus.
- Derrida, J. (2009). *Otobiografías. La enseñanza de Nietzsche y la política del nombre propio*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Gastaldo, D. (2012). Pesquisado/a desconstruído/a e influente? Desafios da articulação teoria-metodologia nos estudos pós-críticos. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marluce Alves. *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições. p. 9-13.
- Hidalgo, L. (2012). *Arthur Bispo do Rosario - O senhor do labirinto*. Rio de Janeiro: Rocco Digital. (eBook).
- Meyer, D.E. & Paraíso, M.A. (2012). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições.
- Monteiro, S.B. & Biato, E.C.L. (2008). Uma avaliação crítica acerca de método e suas noções. *Revista de educação pública*. 17 (34), 255-271.
- Nietzsche, F.W. (1995). *Ecce homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Nietzsche, F.W. (2007). *O anticristo e Ditirambos de Dionísio*. São Paulo: Companhia das letras.
- Nodari, K.E.R., Corazza, S.M. (2019). Um drama no currículo: oficinas de transcrição. Educação. Revista do Centro de Educação da UFSM, Santa Maria, 44, 1-21. doi: <http://dx.doi.org/10.5902/1984644431380>
- Olegário, F. (2018). *Jogo com arquivos: procedimentos didático tradutórios* (Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil).
- Olini, P.C. (2012). *Escritura, vida e constituição de si*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Brasil).
- Olini, P.C., Monteiro, S.B. Sobre escritura e arte do estilo: aproximações otobiográficas. (2016). In: Corazza, S.M., Adó, M.D.L., Olini, P.C. Caderno de notas 9: *Panorama de pesquisa em Escriteiras: Observatório da Educação*. Porto Alegre: UFRGS/Doisa.
- Schwartz, J.W. (2015). *Biografemário de um aprender: "Escriteiras em meio à vida"*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, Brasil).
- SOARES, M. *Alfabetização no Brasil – O Estado do conhecimento*. Brasília: INEP/MEC, 1989.